ORGANIZADORES
Máximo Lamela (UFRGS)
Mariana Mussetta (UNVM/UNC/Ar)
Tiago Martins de Morais (UDESC)

A PROSA DOCENTE COMO ACONTECIMENTO

modos de *escrever-pensar-fazer* pesquisa em educação

pimenta cultural

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P966

A prosa docente como acontecimento: modos de escrever-pensar-fazer pesquisa em educação / Organização Máximo Lamela, Mariana Mussetta, Tiago Martins de Morais. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-593-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-593-0

1. Prosa docente. 2. Formação de professores. 3. Currículo e didática. 4. Escrileitura. 5. Pesquisa-criação. I. Lamela, Máximo (Org.). II. Mussetta, Mariana (Org.). III, Morais, Tiago Martins de (Org.). IV. Título.

CDD 370.71

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação - Formação de professores
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

12

Elisandro Rodrigues
Bianca Isabel Pederiva

ESCREVER A LEITURA:

OU COMO DIZER ALGO SOBRE ESTAR AQUI

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-593-0.12

0.

Escrever a leitura é o título de um texto escrito por Roland Barthes (2012) em 1970 para o jornal *Le Figaro Littéraire*, que se encontra no livro *O rumor da língua*. Diz Barthes (2012, p. 26, grifo do autor) que por vezes se faz necessário "interrogar a minha própria leitura", para "tentar captar a *forma* de todas as leituras (a forma: único lugar da ciência), ou ainda: suscitar uma teoria da leitura". Não queremos aqui – neste breve texto que é uma prosa de modos de escrever-pensar-fazer leitura, escrita e pesquisa em educação – criar uma "teoria da leitura", mas aproximar-se do que Barthes chama de *texto-leitura*.

Um *texto-leitura*, que se faz nesse movimento de ler, é um texto que escrevemos no gesto de ler; ou como diria Barthes (2012, p. 28) "esse texto que escrevemos em nós quando lemos". Mas para esse gesto de transformar a leitura em texto – escrever a leitura – se faz pertinente a criação de algumas regras, de algumas proposições de jogo de leitura e de escrita. Por exemplo: quais são as palavras que iremos circular e sublinhar; como serão nossas marcações e anotações; qual nosso sistema de códigos para nos encontrarmos posteriormente quando, quem sabe, precisarmos *escrever a leitura*. Trata-se de uma criação de jogos, de uma ludicidade ao ler para um devir escrita, na proximidade do que Barthes (2012, p. 29) escreve: "o jogo não deve ser entendido como uma distração, mas como um trabalho", ou seja, "ler é fazer nosso corpo trabalhar".

O primeiro movimento para este jogo é abrir o texto. A escritora argentina Tamara Kamenszain (2002) fala de "leituras de trabalho" quando pensa nesse gesto de se debruçar sobre o texto e sobre o movimento de levantar a cabeça do que estamos lendo, o que Tamara entende como um *gesto de começar a própria escrita*. Que comecemos a escrever a leitura.

O exercício da prosa docente: Fazer de uma aula, leitura.

1.

primeiro
alguém indica que posso começar
o leitor já está aqui
e quando estiver lendo estas
palavras
estaremos juntos no
mesmo espaço
quanto tempo dura o presente?
foi a pergunta que meus dedos fizeram
quando comecei a escrever
este texto
estava à procura de
uma frase para começar uma frase ou
um pedaço de som um ritmo que viesse
como uma onda já em movimento
na qual pudesse mergulhar
e seguir adiante deslizando (Garcia, 2023, p. 39).

Este poderia ter sido o começo deste texto, um fragmento do poema de Marília Garcia em seu livro *Expedição: Nebulosa*. [Re] começamos com Marília por não saber muito bem como continuar. Recentemente Marília Garcia (2025) publicou um livro chamado *Pensar com as mãos*. Em um texto inicial chamado *In media res*, ela nos fala sobre começos como pequenas faíscas. Diz ela que começos são como encontros, "começar é estender os braços e fazer um gesto com as mãos: vamos? Começar é escolher uma palavra que vai inventar um mundo" (Garcia, 2025, p. 11). Muitos são os mundos inventados nos cotidianos escolares, pequenas montagens cotidianas que fazem brilhar princípios esperança, para lembrarmos de Ernst Bloch (2005), que podem inventar novos modos de ler o mundo, a palavra e imaginar uma outra possibilidade de pensar o fazer e o exercício da prosa docente. Começar, portanto, é um convite ao encontro, ao reencontro, aos recomeços, aos pequenos gestos "feito com as mãos... afinal uma das qualidades de um bom começo é despertar a curiosidade para o que vem depois" (Garcia, 2025, p. 12).

SUMÁRIO

Marília Garcia (2025, p. 11) se pergunta "como se começa um poema, uma página, um capítulo? Gosto de pensar que o começo é um encontro, como este aqui, em que leitora e leitor se dispõem a dar uma espiada no caminho para ver aonde ele vai". Pensar no gesto da escrita, neste movimento de colocar-se a escrever, é entender que muitas das vezes não teremos como saber para onde nosso texto irá – pode ser que tenhamos um pequeno vislumbre de um possível trajeto, mas, pensamos, nunca conseguimos saber qual será o porto de ancoragem.

Começar uma aula, por exemplo, não é uma tarefa simples. Pensar uma aula exige vários começos. Um primeiro, podemos pensar, diz de um desejo pelo estudo. O movimento de querer estudar um tema: a escrita e a leitura. O segundo envolve montar o cronograma de uma disciplina. Pensar minimamente no que será lido, discutido, debatido, conversado, em síntese, o que leremos. E, por fim, pensar em cada encontro como um recomeço. Como uma continuação de um gesto de pensar o espaço da aula.

Marília (2025, p. 11) nos escreve uma bela imagem, principalmente para nós que navegamos pelos mares da educação – da saúde e das artes –, ela nos diz que "começar é estender os braços e fazer um gesto com as mãos: vamos?". Esse gesto, de estender a mão como quem diz vamos, pode ser o convite a este começo, um convite a fazer uma jornada juntas e juntos por mares desconhecidos. Marília nos fala que um dos aspectos do começo é despertar a curiosidade. Não sabemos, na maioria das vezes, para onde iremos em uma navegação e em um estudo em torno das noções que nos pomos a navegar. Podemos ter alguns vislumbres, apenas.

O começo pode ser um corte também, pode ser entendido como um entre. E podemos pensar que o gesto de escrever é, de certo modo, encontrar-se nesse entre. Ao nos colocarmos em ato de estudo, ou seja, de leitura, fazemos da escrita esse movimento de estender as mãos à leitura como uma sistematização possível

do que lemos. Começar, quem sabe, seja também um gesto da escrita. Foucault (2015, p. 61) nos fala sobre "se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos".

Quem sabe – e a escrita do texto nos leva a pensar e a escrever sobre isso –, aqui falamos de como começar um texto, uma aula, uma pesquisa, uma leitura. E poderíamos perguntar: Como fazer uma travessia por um texto, uma aula, uma pesquisa, uma leitura? Por mais que tentemos, sempre acabamos retornando a este mesmo começo, sempre recomeçamos pensando em como podemos montar nossa escrita, nossa leitura, nossas pesquisas.

Um eterno retorno, uma espécie de ritornelo deleuziano, como podemos ver em *Mil Platôs, volume 4*, no texto *Acerca do ritornelo*. Deleuze e Guattari (2012) falam sobre esse conceito que buscam na música. E para nós, ao ler o que essa palavra diz no campo da música parece mais simples do que nas páginas dos autores. De forma simples poderíamos dizer que o ritornelo, na música, é um trecho que se repete ao longo de uma música, que muitas vezes serve como refrão. Mas, também, pode indicar um ponto de retorno. No texto de Deleuze e Guattari (2012), somos levados a pensar em três movimentos com esse conceito: o agenciamento territorial, quando se sai do caos para organizar um território – o que eles chamam de territorialização; a organização de um centro a partir deste território de agenciamentos – a desterritorialização; e um movimento de abandonarmos o centro do agenciamento e nos colocarmos em movimento de travessia, de busca de outros agenciamentos – a reterritorialização.

Pensamos que o nosso movimento de escrita, destes que escrevem essas palavras neste momento, sempre remete primeiro a territorializar falando da escrita, para sair da escrita retornando novamente a ela à procura de outros agenciamentos de textos e conceitos. Maria Garcia, em uma fala realizada na Flip de 2023 (Festa Literária Internacional de Paraty de 2023), na *Mesa 14: alguém telegrafa para o mundo pedindo atenção*, diz:

> "será que não estou sempre tentando dizer a mesma coisa. Como fazer para congelar o tempo? Como dizer para cada um que está hoje: Agora ouça, segure esse fio invisível entre a gente, isso é um poema. E ele diz: eu estou aqui para você. O que eu posso tentar fazer é segurar, ou tentar segurar o presente que temos em comum".

Na Flip do ano de 2025, em uma mesa chamada *Vide o verso* com as poetas Alice Ruiz, Claudia Roquette-Pinto e Marília Garcia, esta última fala que "a gente escreve com as palavras que a gente usa todo dia". Pensamos que estamos sempre tentando dizer as mesmas coisas com as palavras que usamos todo o dia. Uma eterna repetição. Mas, quem sabe, seja o que Manoel de Barros (2016, p. 16) nos fala em seu poema no *Livro das ignorãças*: "repetir repetir – até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo".

Por vezes, para fazer uma travessia é necessário passar pelo mesmo lugar diversas vezes. A cada travessia um novo começo, um novo recomeço. Tomaz Tadeu da Silva, no ano de 2006, deu um seminário no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) intitulado *Argumentação, Estilo, Composição: introdução à escrita acadêmica*. Podemos encontrar quatro textos dele na internet sobre este seminário: *Como utilizar palavras alheias* e *27 maneiras de abrir um texto.* Seguido de *9 maneiras de fechá-lo*, *Como argumentar* e *Como enfrentar a síndrome da folha em branco*. Deste último texto queremos destacar o seguinte fragmento:

> 3. Não insista em começar do começo
>
> Obviamente, o mais natural é avançar em ordem e escrever um texto na ordem em que ele será apresentado, isto é, do começo para o fim. Mas nem sempre seguir a ordem final (imaginada) de apresentação é a mais produtiva. Todos sabemos que dar a partida é quase sempre o mais difícil. Mas às vezes deixar o "começo" de lado e entrar por um outro ponto pode ser uma boa estratégia para superar a síndrome do bloqueio. É aqui que a existência

> de um plano, esboço ou esquema prévio se mostra de mais utilidade. Se temos um esboço geral do que pretendemos escrever, podemos simplesmente escolher um dos vários temas (ou sub-temas) aí delineados, talvez aquele com o qual nos sentimos mais confortáveis e confiantes, e começar por desenvolvê-lo. É possível que a confiança assim adquirida seja um fator importante para, posteriormente, retomar, agora com mais sucesso, a escrita do início do texto. Além disso, muitas vezes começar a escrita pelo meio de um texto acaba por nos dar mais idéias sobre como começá-lo. Assim, não insistir em começar pelo começo pode acabar por ser o melhor começo (Silva, 2006, p. 1).

Permanecemos no dilema: como começar?

Didi-Huberman tem dois livros, que em tradução livre poderíamos chamar de *Ensaiar ver* e *Para começar de novo*, ou *Para começar ainda*, retomando a ideia de Beckett – "*Essayer voir*" e "*Pour commencer encore*". Esses livros falam, sobretudo, sobre a experiência do ver e, para nós, sobre o que é ensaiar o ensaio: "o que fazer inicialmente, se não ensaiar? Isto é: fazer uma experiência. Fazer uma experiência para ver" (Didi-Huberman, 2014, p. 83). Pensamos que após terminar de escrever um texto ainda ensaiamos dizer alguma coisa, um texto – também – pode estar sempre em travessia. Para Didi-Huberman (2019, p. 25), terminar não é o fim e começar também não o é; estamos em um processo, quando da escrita, de começar de novo, de começar ainda, do ainda escrever pois, "sempre há uma respiração ou um batimento, um ritmo de contração e dilatação, no exercício de escrever, pensar ou de olhar" (Didi-Huberman, 2019, p. 24).

Sempre há uma respiração no movimento e no gesto de estudar, nesse gesto de debruçar-se sobre algo. Marília Garcia comenta que "começar é escolher uma palavra que vai inventar um mundo" (2025, p. 11). Uma palavra interessante para isso pode ser travessia. Alguns mundos são inventados com as palavras – ditas, escritas, gravadas com as mãos no ar ou em pontos de braille. A palavra inventa mundos.

SUMÁRIO

Ernst Bloch (2000, p. 1), no seu livro *O espírito da utopia* nos fala que "Eu sou. Nós somos! Chega. Agora temos que começar. A vida foi colocada em nossas mãos". Quem sabe cabe a nós começar, quem sabe começar uma leitura seja o suficiente.

O exercício da prosa docente: Fazer de uma aula começo.

2.

Um fragmento de um texto didático da Disciplina *Permanecer no dilema: inclusão e montagem do pensamento*, lido em aula, no dia 28 de agosto de 2025, diz: "Essa semana, ao finalizar um capítulo para um livro, uma frase de Marília Garcia me encontrou. A frase está em seu livro *Parque das ruínas*, em um fragmento que tomo a liberdade de ler aqui para vocês":

> [diário sentimental da pont marie]
> 01 jan 15 - 10H
> "no dia 11 de outubro de 1614 o jovem louis XIII e sua mãe marie de médicis colocaram a primeira pedra dessa ponte
> construída por christophe marie construtor de pontes na França ela ligou o bairro saint-paul à ilha notre dame
> na época deserta"
> chego à point marie 401 anos depois
> atravesso a ponte marie com 115 passos
> todos os dias às 10h fazer uma foto
> do mesmo ângulo da ponte
> uma foto diária que possa dizer algo sobre estar aqui:
> qual a geometria da cidade a cor das placas
> quem passa naquele exato momento
> eu não sei o que preciso saber
> eu não sei o que preciso
> escrevo a partir das fotos - mas o que fazer com as fotos?
> imagine uma foto do sexto dia:
> [isso aqui é uma expedição] (Garcia, 2018, p. 25).

A frase "dizer algo sobre estar aqui:" faz pensar que *escrever a leitura* é um gesto de furar o presente – o passado ou o futuro –, pensar na escrita como experiência e como acontecimento. Faz-nos perguntarmos: O que podemos dizer sobre os textos lidos?

Quem sabe "dizer algo sobre estar aqui:" é pensar nas palavras que Deleuze proferiu durante uma aula dada no dia 03 de junho de 1980, no Centro Universitário de Vincennes. Na aula, disponível em áudio, Deleuze falava sobre algumas reflexões sobre o Anti-Édipo, e dizia que: "Somos, à nossa maneira, pequenos acontecimentos".

"Dizer algo sobre estar aqui:" é pensar com Didi-Huberman (2024, p. 23) quando nos fala que "ler é escrever sua admiração pelos livros dos outros. Ver é escrever sua admiração por certas imagens feitas por outros" e, quem sabe, escrever a leitura é dizer algo sobre estar aqui.

O exercício da prosa docente: Fazer de uma aula um dizer algo sobre estar aqui.

3.

Quem sabe "dizer algo sobre estar aqui:" é pensar com Enrique Vila-Matas (2023) e seu texto "Montevidéu". Dizer primeiramente sobre um exercício de leitura, de dois modos de ler um livro. O primeiro, realizado por um dos autores, que chamaremos de leitor-jogador, iniciou-se em 2023, logo após a publicação do livro. Ao perceber que o livro era dividido em 6 fragmentos com nomes de cidades (París, Cascais, Montevidéu, Reykjavik, Bogotá e Paris), o leitor-jogador decide aventurar-se no jogo de leitura tornando esse um livro para ler em suas viagens.

Essa descoberta do processo do jogo de leitura acontece na virada do ano de 2023 para o ano de 2024. Abre o livro,

SUMÁRIO

um livro para se ler em viagem, mas nas primeiras páginas recua da leitura. A leitura não pode ser realizada pois a cidade em que se encontra é Buenos Aires e não Paris. O livro é guardado e retomado somente em junho de 2024 quando viaja a Paris e logo depois vai a Portugal, passa por Ericeira, Mafra, Cintra, Cascais. A leitura estaciona-se na página 91.

O fragmento seguinte é Montevidéu, e a leitura é realizada em três momentos: o primeiro em setembro de 2024, o segundo em dezembro de 2024 e o terceiro em 27 de julho de 2025. Sabendo que nos próximos anos seria difícil uma viagem para Reykjavik, na Islândia, para Bogotá na Colômbia e retornar a Paris, o jogo de leitura acabou-se na cidade que leva o nome do livro.

Aqui cabe dizer algo sobre estar em Montevidéu. Em dezembro de 2024, no final do ano, acontece algo semelhante à virada do ano de 2023, a cidade é apenas passagem para Buenos Aires, o livro permanece na mochila e não é lido. Mas, uma curiosidade quase que ficcional ocorre. No livro de Vila-Matas, a personagem está obcecada por um conto de Júlio Cortázar chamado *Porta Condenada*. Esse conto passa-se na cidade de Montevidéu em um hotel chamado Cervantes. A curiosidade quase ficcional é que este leitor-jogador hospedou-se, e podemos dizer inconscientemente, no hotel do conto de Cortázar. No hotel, motivo de perseguição da personagem de Vila-Matas, na cidade onde a história acontece. O hotel não tem mais o mesmo nome, hoje chama-se de "Esplendor by Wyndham Montevideo Cervantes". Poderíamos dizer, assim como a personagem de Vila-Matas, que caímos nas malhas de uma sociedade secreta... mas, quem sabe, seja apenas, como escreve Vila-Matas (2023, p. 157) que "o labirinto é aleatório, mas a trajetória não".

O segundo modo de ler aconteceu a partir de um convite. De um convite para um jogo, já começado, e que ainda se encontrava em travessia. Agora, tratar-se-ia de uma travessia dupla, ou então de uma travessia em companhia. Pela leitura e pela escrita, para pensar o fazer

SUMÁRIO

de uma aula. Chamaremos de leitora-recém-chegada, a autora que atravessou a escrita desde esse segundo modo de ler.

Era o primeiro contato com qualquer obra de Enrique Vila-Matas. Após a compra do livro e de alguns dias de espera, um gesto de leitura iniciou sem demora, a partir do manuseio de um lápis colorido, instrumento antes pertencente ao leitor-jogador. Com essa única peça disposta na mesa de montagem, palavras e frases começaram a ser circuladas e sublinhadas. Se "era muito raro não escrever em Paris" (Vila-Matas, 2023, p. 12), a leitora-recém-chegada transformou em algo raro não ler no pequeno espaço do seu apartamento, apesar de, por vezes desejar, como desejava a personagem de Vila-Matas em Paris, "de maneira quase irresistível deixar a escrita para trás" ou "essa poética de querer abandonar a obra antes que a obra existisse" (2023, p. 12).

Como antes funcionou para deslocar o leitor-jogador pelas viagens e pelas páginas, após o convite endereçado daquele, o jogo passou a funcionar para ambos os leitores como uma forma de deslocamento para a escrita. Quem sabe, agora os leitores se encontram – ainda que com espaços e temporalidades diferentes de leitura. Neste instante, trata-se apontar algo como uma curiosidade não ficcional: enquanto o leitor-jogador atravessou a obra em lugares diferentes, no decurso de dois anos, a leitora-recém-chegada atravessou a obra em apenas um espaço, ao longo de uma semana.

De certa maneira, para a leitora-recém-chegada, o convite endereçado possibilitou justamente a possibilidade de chegar, de dar início a uma operação de leitura e de escrita, antes de qualquer abandono. Talvez, tal invitação possa se assemelhar ao que, nas passagens quase ficcionais de Montevidéu, disse Antonio Tabucchi para a personagem de Vila-Matas, no momento em que a personagem empenha-se para contar acerca de seu fracasso em renunciar à escrita, entre as cidades de Paris (a renúncia) e de Barcelona (o fracasso):

> [...] de volta em Barcelona, logo mudei de ideia e me pus a redigir histórias como um louco, chegando até a jogar a própria vida na sarjeta. Você quer dizer transformando a vida em literatura, disse Tabucchi, porque pensa que o próprio fato de me dizer que renunciou a escrever em Paris já é literatura, e que *não podemos escapar dessa lei, nem você nem eu, não é*? (Vila-Matas, 2023, p. 24-25, grifos nossos).

Pode-se dizer que às vezes é preciso fracassar.

> Dizer um corpo. Onde nenhum. Nenhuma mente. Onde nenhuma. Isso pelo menos. Um lugar. Onde nenhum. Para o corpo. Estar nele. Mexer-se nele. Fora dele. De volta a ele. Não. Não fora. Não de volta. Somente nele. Ficar nele. Adiante nele. Parado. Tudo de outrora. Nada mais nunca. Nunca tentado. Nunca falhado. Não importa. Tentar de novo. Falhar de novo. Falhar melhor (Beckett, 2012, p. 65).

Ou pode-se dizer que às vezes é preciso fracassar a renúncia – aceitar o convite endereçado para a leitura: começar: dizer algo sobre estar aqui: e continuar a escrever após os dois pontos, mesmo e inclusive diante de uma travessia que é sempre desconhecida, permeada de mares misteriosos. Diz Serres (1993, p. 12-15) que "nenhum aprendizado dispensa a viagem", e que "o corpo que atravessa aprende certamente um segundo mundo, aquele para o qual se dirige, onde se fala outra língua".

Quem sabe, fazer uma travessia do/pelo *texto-leitura*, rememorando, desse "texto que escrevemos em nós quando lemos" (Barthes, 2012, p. 28), para *escrever a leitura*, diga algo dos diferentes modos dos leitores de atravessar uma porta – não a "porta condenada" de Júlio Cortázar, embora também possa ser –, mas uma porta enquanto um acontecimento: o que pode surgir adiante? O que pode aparecer, após o encontro com os braços estendidos, com aqueles braços que convidam? Que mundos podem ser inventados? O que pode o acontecimento da leitura e da escrita, para aqueles que se propõem a começar? Para aqueles que se colocam em jogo?

Aqui, a leitura e a escrita são tomados enquanto acontecimentos. Já dizia Deleuze (2011) do acontecimento da escrita como um processo, como algo a se passar, a se atravessar, mas sem o convencimento de uma chegada final, sem a intenção de alcançar uma linha determinada. O que não quer dizer que linhas não podem ser imaginadas: o que está atrás da porta? E talvez isso seja parte do trabalho que faz a personagem de Vila-Matas (2023) em suas passagens por Paris, Cascais, Montevidéu, Reykjavik, Bogotá e Paris novamente, *retornando para o mesmo lugar*, ou então *terminando pelo começo*. No último capítulo, a personagem regressa à cidade inicial em função da curiosidade por uma certa porta contígua ao seu quarto, "que às vezes chamava de 'meu inferno'" (Vila-Matas, 2023, p. 231) e, quando se encontra diante da porta, a personagem imagina:

> [...] que olhava para a escuridão que intuía existir atrás daquela porta sem número. E meu olhar – com o qual tentei reproduzir, dentro do possível, o de minha câmera com visão noturna de raios infravermelhos – não poderia ser mais longo e profundo e mais natural e menos digital, e se demorou extraordinariamente, até que, no final, senti-me um sobrevivente que tentava *colocar-se em movimento* e que estava tentando levantar-se, literalmente *elevar-se, para voltar a ser* (Vila-Matas, 2023, p. 234, grifos nossos e grifo do autor [*elevar-se*]).

Na tentativa de colocar-se em movimento, arriscamos: a personagem de Vila-Matas (2023) coloca-se em movimento para a escrita; ela desloca-se para a escrita, de certo modo, como também fez o *texto* do autor com os dois leitores que, na procura de transformá-lo em um *texto-leitura*, por ele acabaram sendo atravessados – em devir: um leitor-jogador e em devir: uma leitora-recém-chegada.

Assim, imaginam-se linhas de escrita, e transitamos por vislumbres de acontecimentos menores – alguns acontecimentos de leitura que permitiram acontecimentos de escrita e de leitura-escrita, que se criam ao passo que os leitores ensaiam dizer alguma coisa. Para Deleuze (2011), novamente, isso se trata de um processo

SUMÁRIO

inacabado, visto que "escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. A literatura está antes do lado do informe, ou do inacabamento [....]. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido" (Deleuze, 2011, p. 11). Ora, "os processos são devires, e estes não se julgam pelo resultado que os findaria, mas pela qualidade dos seus cursos e pela potência de sua continuação" (Deleuze, 2013, p. 187). Um eterno retorno. Um ritornelo deleuziano.

O que desejamos da leitura e da escrita são agenciamentos próximos de um eterno retorno: modos de entrar na leitura e na escrita, para então sair e retornar novamente, imaginando mundos outros, pois não é na "escuridão que intuía atrás daquela porta sem número" (Vila-Matas, 2023, p. 234) que os vaga-lumes, enquanto possíveis lampejos de criação e por que não, enquanto princípios menores de esperança, irão desaparecer. Pelo contrário: "quando a noite é mais profunda, somos capazes de captar o mínimo clarão, e é a própria expiração da luz que nos é ainda mais visível em seu rastro, ainda que tênue" (Didi-Huberman, 2011, p. 30).

Nesse jogo de travessias que vem e que voltam, e que com esse movimento criam territorializações, desterritorializações e reterritorializações, o leitor-jogador e a leitora-recém-chegada "decidem passear ao acaso num determinado labirinto", no qual "o tipo de pergunta interessante é: *eles sempre voltam ao ponto de partida ou conseguem escapar?*" (Vila-Matas, 2023, p. 156-157, grifos nossos).

Quem sabe, desde temporalidades e espacialidades distintas, e a partir de modos diferentes de ler um texto, após um convite inicial para transformá-lo em um *texto-leitura*, ambos leitores colocaram-se em jogo e partiram na procura de alguns vislumbres e lampejos de uma prosa docente, fazendo de uma aula: leitura, começo, e um dizer algo sobre estar aqui.

O exercício da prosa docente: fazer de uma aula um colocar-se em jogo. Ou fazer de uma aula um jogo de travessias.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **O livro das ignorãças**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Prefácio Leyla Perrone-Moisés; Tradução Mario Laranjeira; Revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BECKETT, Samuel. **Companhia e outros textos**. São Paulo: Globo, 2012.

BLOCH, Ernst.**The spirit of Utopia**; translated by Anthony Nassar. Meridian: Stanford University Press, California, 2000.

BLOCH, Ernst. **O Princípio da Esperança**. Vol. 1. Trad. Nélio Schneider, Rio de Janeiro: UERJ e Contraponto, 2005.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. Como enfrentar a síndrome da folha em branco. Em: **Argumentação, Estilo, Composição**: introdução à escrita acadêmica. Porto Alegre: UFRGS/PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Essayer Voir**. Paris: Éditions de Minuit, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Pour commencer encore**. Paris: Argol éditions, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Pequenas caixas de leitura para ver**. Tradução de Anelise De Carli e Elisandro Rodrigues. Porto Alegre: Nota Azul, 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GARCIA, Marília. **Um teste de resistores**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

GARCIA, Marília. **Parque das ruínas**. São Paulo: Luna Parque, 2018.

GARCIA, Marília. **Expedição**: Nebulosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

GARCIA, Marília. **Pensar com as mãos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2025.

KAMENSZAIN, Tamara. **Garotas em tempos suspensos**. São Paulo: Círculo de poemas, 2022.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça**. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

VILA-MATAS, Enrique. **Montevidéu**. Tradução Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

SUMÁRIO